

RUBEM BRAGA

1232 FENIT, FLAMENGO

A VERDADE é que S. Paulo conseguiu inventar uma grande festa, que é uma autêntica atração turística: a FENIT. Coincidiu que o ano passado e este foi a S. Paulo nesta época do ano, e fiquei encantado com aquêle «show» múltiplo de coisas e mulheres belas. Além de tudo o que S. Paulo tem para mostrar em matéria de tecidos e de modas e de manequins, o que há de melhor no Rio, e muito do que há de melhor em Paris, em Londres, em tôda parte, isso tudo se junta ali por algumas tardes e noites de inverno.

Além dos «stands», muitos decorados por artistas modernos, e dos desfiles múltiplos, há este ano um excelente espetáculo de Millôr Fernandes, e por tôda parte há música, movimento, côres e enxames de môças esgalgas e lindas. Já este ano tive dificuldades em encontrar lugar em hotel: a FENIT «pegou» mesmo.

Mas chego ao Rio, e domingo à tarde

vou ao Maracanã, ver o Flamengo-Vasco. Quase não há mulheres, e cêrca de cem mil homens de tôdas as côres são homens do povo, vestidos de qualquer jeito. A tarde de sol estremece com o movimento das bandeiras, o grande murmúrio e os gritos da torcida, o brado do alto-falante e os milhares de pequenos rádios individuais.

No primeiro tempo ninguém marca ponto, mas, pouco depois do comêço do segundo, uma jogada qualquer, desperta o entusiasmo dos torcedores do Flamengo e então se eleva aquêle impressionante clangor, milhares de bandeiras rubro-negras se agitam na tarde dourada, e todos sentimos que os jogadores estão eletrizados, nervosos, mais velozes, dando tudo de si — e afinal aquêle gôl que festejamos antes, aquêle gôl que berramos antes de acontecer, aquêle gôl que pedimos, que exigimos, que sentimos, de súbito, êle acontece mesmo — e a multidão explode em um maravilhoso delírio. Uma grande festa do povo, graças a Deus!

DN 21.8.68